

Pasqualino Romano Magnavita*

Cidade, cultura, corpo e experiência

“Não se sabe o que pode o corpo, ou o que se pode deduzir da mera consideração de sua natureza.”

Espinosa

Este texto tem um viés estritamente conceitual, pois o tema relaciona-se com um conjunto de conceitos enquanto virtuais (incorporais) e indissociáveis entre si: Cidade, Cultura, Corpo e Experiência. Considerando que a filosofia tem por objetivo traçar um plano e criar conceitos, os referidos conceitos habitam o Plano de Imanência (filosófico) onde o pensamento se orienta para pensar. Neste sentido, o autor adota o Plano de Imanência e o repertório conceitual do pensamento rizomático, visando atualizar discursivamente e criticamente estes conceitos e outros conectados a eles, a exemplo dos seguintes: estratos (estratificações), agenciamentos e a tríade conceitual **Saber/Poder/Subjetivação**. Particularmente, este último conceito, Subjetivação que pressupõe, por sua vez, o conceito Criatividade, o qual evidencia um forte apelo na formação discursiva contemporânea.

Inicialmente, vale observar que esses quatro conceitos temáticos, são indissociáveis dos dois conceitos anteriormente referidos: Estratos (estratificações) e Agenciamentos, pois tanto Cidade, quanto Cultura, Corpo e Experiência constituem

* arquiteto, professor PPG Arquitetura e Urbanismo UFBA

estratificações históricas que pressupõem Agenciamentos, os quais se efetuam em zonas da descodificação dos estratos, e constituem Territórios. Os quatro conceitos temáticos configuram-se em territórios agenciados, os quais, por sua vez, pressupõem permanentes desterritorializações.

Tomando por primeiro o conceito Cidade, em uma visão planetária molar (macro) do mundo da representação, ou seja, da lógica dos sentidos (dos efeitos de superfície), constata-se uma multiplicidade e heterogeneidade de cidades, a guisa de uma rede aberta, uma totalidade segmentaria, ou seja, um conjunto dinâmico de cidades de diferentes graus e níveis de urbanidade e que, sob o impacto dos atuais avanços tecnológicos e de intensas conexões de fluxos de informação e comunicação dos processos midiáticos, sob a égide das “Sociedades de Controle”, elas se caracterizam como lugares de indução de Multidões de cidadãos, enquanto corpos, para o irrefreável consumo de bens materiais e imateriais e, ao mesmo tempo, de sedução dessa multiplicidade e heterogeneidade de corpos no âmbito da espetacularização da existência.

Entretanto, no universo molecular (micro) a questão é de outra natureza, pois, o “fora”, enquanto estratificações de saberes sobre as cidades, ou seja, o que se diz sobre elas, e isso, de forma simultânea e indissociável das redes de poderes existentes (ações, fluxos de intensidade de afetar e de ser afetado), restando entender a presença deste “fora” e de seu desempenho. Para tanto, emerge um outro conceito, também, indissociável do “fora”: a Dobra. Pressupõe-se, portanto, o dobramento, ou seja, a Dobra do “fora” no “dentro”, agenciamento esse que promove a construção (fabricação) dos processos de subjetivação individual e/ou coletiva. Como veremos mais adiante, a subjetividade emerge como lugar da criatividade. Todavia, vale salientar a coexistência

e a indissociabilidade desses dois universos: molar e molecular (macro e micro), entretanto, a questão que surge seria então: como se efetuam no universo macro as ações que emergem do universo micro?

Os agenciamentos coletivos de enunciação, o que se diz sobre as cidades, enquanto regime de signos e os agenciamentos maquínicos, enquanto intervenções, construções nas cidades (o que se faz nelas), configuram diferentes saberes, multiplicidade e heterogeneidade deles e que se relacionam com as três formas de pensar e criar: Filosofia, Ciência e Arte e que, respectivamente, cada qual em sua especificidade, e sem dominância de uma delas sobre as demais, pressupõem, respectivamente a criação de conceitos, de funções e de percepções e afetos, e fazem, assim, do pensamento uma heterogênesse.

O conjunto de saberes específicos sobre as cidades e dos saberes em geral configura o conceito Cultura, a qual, igualmente, constitui uma totalidade segmentaria de multiplicidade e heterogeneidade de saberes, ou seja, saberes que se relacionam, se conectam, se sobrepõem, mantêm entre eles zonas de vizinhança, temporalidades diferentes, enquanto alguns saberes emergem, outros desaparecem, pressupondo a variação contínua da existência.

Vale salientar que o conhecimento não é Ciência (Foucault), embora a Ciência seja uma específica forma de conhecimento que visa à construção de verdades e sua comprovação, embora muitas das verdades construídas sejam desconstruídas, ou apenas limitadas em seu desempenho. Neste sentido, vale lembrar que, através do pensamento positivista da Modernidade, a Ciência ocupou e ainda ocupa uma posição hegemônica no entendimento da existência, e isso, em detrimento das duas outras formas de pensar e criar, ou seja, da Filosofia e da Arte que são igualmente importantes nos processos da própria existência.

Sem dúvida, o eixo dominante deste Seminário, visa estabelecer uma estreita relação dos conceitos Cidade e Cultura com o conceito Corpo. Vale lembrar que desde Espinosa a potencialidade do conceito Corpo e suas variações têm muito a ver com a forma de pensar, ou seja, com o Plano de Imanência adotado e dos conceitos que nele habitam. Da forma de pensar dialética à forma de pensar rizomática, constata-se uma ruptura, uma descontinuidade, uma mudança de natureza na forma de pensar, a qual vem assumindo cada vez mais uma configuração bem mais complexa, particularmente, quando se tem presente a atual configuração de um mundo globalizado sob o controle do Capitalismo Mundial Integrado, se consideramos os avanços tecnológicos e a importância dos processos midiáticos, os quais, através do poder de sedução dos efeitos de superfície dos sentidos, promovem a construção subjetiva de corpos de multidões urbanas orientadas para o *marketing*, ou seja, do Ter e não do Ser, pressupostos que se encontram distanciados do célebre enunciado de Espinosa.

O conceito Corpo no entendimento do senso comum (doxa) se aproxima da dualidade entre o conceito Organismo enquanto materialidade e o pensamento (cérebro) enquanto espiritualidade. Para Deleuze, o conceito clássico Organismo, e a relação conceitual Significante/Significado, tão presente no pensamento dialético, constituem as mais resistentes estratificações aos processos de decodificação dos estratos enquanto territorialidades, ou seja, resistência aos processos de desterritorialização que visam entre outros objetivos à construção de Corpos sem órgãos (enquanto corpos desejanter voltados para a criação, para um devir outro da existência).

Contudo, considerando, a rede de cidades, o conceito Corpo assume uma diferente configuração frente à Multidão de diferentes corpos que

habitam cidades. Corpos que não expressam apenas a condição fisiológica orgânica (biológica), mas, expressões mentais (psíquicas) enquanto complexidade de específicas atividades do cérebro e que em outros tempos na forma de pensar dialética, ou seja, dos efeitos de superfície, emergiu a relação contraditória entre Matéria e Espírito.

Na concepção de Espinosa, a indagação é: “o que pode o corpo?” Pergunta que se refere ao corpo enquanto conceito em sua dimensão universal, sem levar em conta (e não poderia ser diferente em sua época), a multiplicidade e heterogeneidade de corpos que são construídos socialmente e que constituem, hoje, multidões urbanas, as quais, pensam, criam e desenvolvem cidades. A questão que se levanta é de natureza ética, portanto política no sentido de “visão de mundo”, pois, resta saber com que objetivo se pensa, se cria e se desenvolvem cidades e sob que condições ocorrem, sejam elas de controle ou de emancipação social. E isso, tendo presente o conceito de Multidão, enquanto agregado informal constituído de multiplicidade e heterogeneidade de corpos, agregado esse descentrado, nômade e anônimo. Embora na história de cidades e de urbanismos, produzidas pelo pensamento dominante, via de regra, procura-se atribuir essas criações urbanas e seus desenvolvimentos à individualidades específicas enquanto autores de traçados e/ou de desenvolvimento de cidades, ignorando, assim, os agenciamentos coletivos de enunciação e os agenciamentos maquínicos, enquanto individuações sem sujeito. Questão essa que leva a pensar as cidades enquanto construção anônima, portanto sem Sujeito (conceito do pensamento cartesiano e inalienável enquanto propriedade individual vigente no atual sistema de produção, tanto de bens materiais quanto imateriais).

Torna-se, oportuno, relacionar os conceitos Multidão e Corpo com o par conceitual proposto

por Deleuze em sua seminal obra filosófica: “Diferença e Repetição”. O conceito Multidão acima sumariamente definido, pode ser também entendido como Totalidade segmentaria e caracterizado por ser um agregado disperso, centrífugo, anônimo e nômade. Portanto, diferente dos conceitos modernos, ainda largamente em uso, especificamente no meio acadêmico, tais como: Povo, Massa e Comunidade, os quais se caracterizam pela Homogeneidade e Unidade de seus componentes.

Tratando-se de um agregado informal constituído de uma multiplicidade e heterogeneidade de corpos, torna-se oportuno perguntar: o que há de Comum entre eles? Pois, se há algo de Comum no seio de uma Multidão, no entendimento deste autor, dois conceitos emergem: **Diferença** e **Criatividade**, pressupondo que cada corpo é diferente e, ao mesmo tempo, é diferentemente criativo, mesmo que essa criação seja apenas de grau ou de nível (enquanto recriação) e não uma diferença de natureza daquilo que é criado o que seria um Acontecimento, no sentido de um Devir-outra da existência, pois, os corpos em seus desempenhos, (comportamentos, atitudes, ações, imaginações, desejos, entre outros atributos), se repetem, todavia, sempre se diferenciando.

Nesse sentido, parafraseando o enunciado de Espinosa, considerando multiplicidade e heterogeneidade de corpos que constituem multidões, frente às imprevisíveis conexões, portanto, sem nenhuma certeza (“não se sabe”, como já afirmava Espinosa), entretanto, pergunta-se hoje: o que se pode deduzir, das formas de pensar e criar, ou seja, o que podem os corpos pensar e criar? Esta é uma questão crucial, embora o pensamento e a criatividade não sejam neutros, isentos da indissociabilidade das relações existentes dos saberes/poderes, frente aos contra-saberes/ contra-poderes do universo molar (macro), das manifestações de exterioridade dos saberes (efeitos

de superfície) e da invisibilidade do exercício das redes de poderes de afetar e ser afetado.

Se para Espinosa o enunciado: “não se sabe o que pode o corpo”, enquanto indeterminações, hoje, podem-se evidenciar os conceitos acima referidos, Diferença e Criatividade, os quais, não eliminando a indeterminação apontada por Espinosa, ajudam a caracterizar as possibilidades do que pode o corpo com base na lógica da Diferença e na condição humana inalienável da Existência enquanto Criatividade, e isso, no seio de multidões incomensuráveis de corpos tão diferentes entre si e, ao mesmo tempo criativos em diferentes graus e níveis. Que diferenças e que criações podem os corpos, é uma questão que merece algumas considerações.

Vale lembrar, em época posterior a Espinosa, Lavoisier, enunciava uma mecânica concepção da existência: “nada se cria, tudo se transforma”. Será que essa “verdade”, embora aceita tanto pelo senso comum quanto pelo senso erudito da academia (urdoxa), mantém ainda sua validade? No universo molar, dos efeitos de superfície, da relação causa/efeito, sim! Entretanto, no universo molecular da física quântica da Ciência com suas novas funções (functivo); na Filosofia com o conceito de Acontecimento (ruptura a-significante); e na arte com suas novas percepções (perceptos e afetos), levariam a pensar que a existência é contínua criação, sem princípio nem fim, no tempo incomensurável de Aion, da Eternidade e do Instante do Acontecimento, da criação.

Valeria, num seminário como este, procurar relacionar não o que pode o corpo, mas, o que podem multidões de corpos que habitam e agem numa rede aberta de cidades, enquanto experiências urbanas contemporâneas, e isso, considerando os axiomas do Capitalismo Mundial Integrado das Sociedades de controle e das tecnologias avançadas relacionadas com os processos midiáticos

de informação e comunicação, particularmente, em relação às mega-aglomerações urbanas, particularmente as capitais mundiais do capital financeiro. Pois, como afirma Castells, os “espaços de fluxos” interferem nos “espaços de lugares”, pois, a atual dinâmica planetária do capitalismo, vem determinando o que podem os corpos.

Em narrativas históricas da modernidade, e em diferentes textos atuais, acadêmicos ou não, lamenta-se o “empobrecimento da experiência”, frente ao condicionamento dos atuais modos, a exemplo do pensador, arquiteto e urbanista Paul Virilio, autor dos livros *Espaço crítico* e *Inércia polar* entre muitos outros, e mentor das “Transarchitecture” (arquiteturas além da arquitetura), temas centrados no universo digital, ele lamenta o progressivo empobrecimento da experiência sensorial (analógica). Será um empobrecimento, no sentido dual em contraponto à riqueza anteriormente adquirida? No entender deste autor, não é questão de empobrecimento, mas de radical transformação. O importante não é lamentar a perda, mas, criar eticamente algo na variação contínua da existência.

Nesse sentido, emerge o complexo conceito de experiência enquanto experiência urbana, cultural e corporal, a qual acaba por se expressar em específicos condicionamentos, os quais dependem dos diferentes corpos e das diferentes cidades em que eles habitam, dos diferentes saberes sedimentados, de gênero e/ou etnia a que pertencem, da idade que possuem, do emprego a que estão atrelados e/ou desempregados, pelas relações de poderes que os atravessam de serem afetados ou de afetarem, enfim, um conjunto de especificidades e que, todavia, acabam sob controle da forma de pensar dominante em que as preocupações desses diferentes corpos e de seus desejos é o de Ter e não o de Ser. Basicamente, os diferentes corpos encontram-se imersos, para não dizer afogados

no oceano do *marketing* e seduzido pelos efeitos pirotécnicos das mídias, que os mantêm cativos pela “coleira eletrônica” (Deleuze) e, diríamos, atualizando a imagem deleuzeana, corpos rastreados por diferentes *chips* das Sociedades de Controle.

A questão não é apenas lamentar o empobrecimento da experiência, mas, reconhecer a riqueza e potencialidade das novas tecnologias e que, dependendo da criatividade daqueles que as usam, elas podem se tornar instrumento de resistência ao controle social existente. Pois, se o empobrecimento da experiência refere-se à real possibilidade dos sentidos enquanto organismo (visão, audição, olfato, paladar e pele), e que continuam inalienáveis nos corpos, o importante é reconhecer que a desterritorialização dessa estratificação orgânica, não é propriamente um empobrecimento, mas, uma maior possibilidade de criar como recomenda Deleuze referindo-se à construção de Corpos sem órgãos, enquanto corpos desejantes, em que o desejo não é carência, mas, Acontecimento, Criação.

Justamente por isso, na contínua variação da Existência, a questão não é de perda, de empobrecimento, mas de enriquecimento da experiência, de novas experiências. E isso, desde quando sejam desenvolvidas resistências aos processos de controle social existente, no sentido da incorporação de uma atitude política em sua dimensão ética. Pois, a apreensão de qualquer cidade pelos diferentes corpos que nela habitam e se locomovem, pressupondo, antes de tudo, uma “visão de mundo” enquanto atitude ética, pois, sem este pré-requisito, a apreensão de cidades se torna um mero exercício da constatação de efeitos de superfície. Via de regra, essa atitude crítica de natureza política, nem sempre se encontra presente em abordagens de temas de natureza acadêmica, com base na tradição moderna da experiência urbana a partir do andar, ou seja, através

de deambulações, *flânerie*, errâncias ou derivas, embora desenvolvidos através de competentes metodologias e/ou registros cartográfico, não são suficientes sem uma explícita atitude política, enquanto ética.

Além dessa visão de mundo em sua conotação ética, a experiência urbana exige um outro importante pré-requisito: a forma de pensar. Embora no pensamento dialético herdado da modernidade com sua lógica binária, a questão ética tenha uma forte vinculação com a Moral, ou seja, entre as codificações estabelecidas e consensuais, de práticas relacionadas com as atitudes, comportamentos de consenso ou dissenso, entre os pares conceituais Bem e Mal e suas variações (justo ou injusto, certo ou errado etc.). Entretanto, a micropolítica enquanto pensamento rizomático, pressupõe que a transformação no sentido ético resulte da emergência de uma singular jurisprudência, e isso, através de revoluções moleculares promovidas pelas ações de multidões de corpos.

Portanto, longe das então pretendidas revoluções totais, a nova forma de pensar da Lógica da Diferença enquanto motivadora de nova Experiência poderá contribuir para que multidões de corpos sob a égide do paradigma ético-estético, ou seja, que cada corpo a seu modo em cada dia no seio de multidões de corpos, repetindo a indagação de Espinosa, pergunta-se: o que pode ele, o corpo? Respondendo, se poderia dizer que cada corpo em conjunto com multiplicidade e heterogeneidade de outros corpos, pode fazer **micropolíticas** e **microrevoluções**, e isso, visando à emancipação social dos sutis, invisíveis, todavia, perversos dispositivos midiáticos hoje existentes de controle social. Que assim seja! 